

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS COMO PRÁXIS TRANSFORMADORA: ALFABETIZAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA SOB A ÓTICA FREIREANA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.94415250605>

Data de aceite: 07/05/2025

Nara Neila Rocha Lima

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Fortaleza – Ceará

Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 1998 e Especialista em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2001. Este artigo é derivado de sua monografia de especialização, defendida na UECE.

passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, capaz de promover a práxis transformadora. O texto argumenta que a educação de adultos, pautada no diálogo e na problematização da realidade, constitui-se como caminho fundamental para a humanização e a construção de uma sociedade mais justa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Adultos; Alfabetização; Paulo Freire; Consciência Crítica; Trabalho; Cidadania; Pedagogia Libertadora.

RESUMO: Este artigo explora as dimensões teóricas da educação de jovens e adultos, com ênfase na alfabetização, compreendendo-a não como mera aquisição técnica, mas como um ato de conhecimento e transformação social. Fundamentado principalmente no pensamento de Paulo Freire, discute-se a educação como prática da liberdade, intrinsecamente ligada à leitura crítica da realidade e ao desenvolvimento da consciência. Analisa-se a interconexão entre educação, trabalho e qualidade de vida, destacando como a superação do analfabetismo funcional impacta a inserção laboral e a dignidade do trabalhador. Ademais, aborda-se a alfabetização como ferramenta essencial para o exercício pleno da cidadania e a

INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos (EJA) configura-se como um campo de ação pedagógica e social de profunda relevância no cenário contemporâneo, transcendendo a mera compensação de escolaridade ou a simples aquisição de habilidades no uso de ferramentas. No que concerne à alfabetização, esta não pode ser compreendida apenas como a decodificação de signos linguísticos, mas, como argumentou Paulo Freire, como um ato de conhecimento e leitura do mundo (FREIRE, 1987; FREIRE, 1980) que

possibilita a intervenção consciente na realidade. É nesse potencial de transformação individual e coletiva que reside a força da alfabetização de adultos quando pensada racionalmente.

Este artigo propõe-se a explorar as dimensões teóricas que fundamentam a alfabetização de adultos como uma *práxis transformadora*, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da consciência crítica, à ressignificação da relação com o trabalho e ao exercício pleno da cidadania. Distanciando-se de abordagens puramente técnicas ou adaptativas, busca-se compreender como o processo de aprender a ler e escrever, quando imbuído de intencionalidade pedagógica libertadora, pode empoderar sujeitos historicamente marginalizados.

A análise apoia-se significativamente no referencial da pedagogia crítica, com destaque para o pensamento de Paulo Freire, buscando dialogar com conceitos que discutem a educação em sua interface com as esferas social, cultural e laboral. Argumenta-se que a superação do analfabetismo, sob esta ótica, não é um fim em si mesmo, mas um meio para a humanização, para a construção da autonomia e para a participação ativa na sociedade.

Para tanto, o texto inicialmente aborda a natureza abrangente da educação e os desafios específicos da alfabetização de adultos, contextualizando sua importância social e pessoal. Em seguida, aprofunda os fundamentos da pedagogia freireana como base teórica essencial para uma prática educativa libertadora. Posteriormente, analisa a interconexão crucial entre alfabetização, as concepções de trabalho e a busca por qualidade de vida, e discute o processo de desenvolvimento da consciência – da ingênua à crítica – como elemento central para o fortalecimento da cidadania. Por fim, as considerações finais sintetizam as reflexões apresentadas, reforçando o potencial emancipatório da educação de adultos.

A NATUREZA AMPLA DA EDUCAÇÃO E O DESAFIO DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

A compreensão da educação de adultos exige, inicialmente, um olhar sobre a própria natureza do fenômeno educativo, que se revela muito mais amplo e difuso do que as estruturas formais de ensino podem sugerir. Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos outros, todos envolvem pedaços da vida com ela, para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.

Essa vivência contínua demonstra que a educação é inerente à experiência humana, permeando todas as esferas da vida social. Nesse sentido, Carlos Rodrigues Brandão reforça:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor, o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (Brandão, 1984, p. 34).

A educação, portanto, manifesta-se em múltiplos espaços e através de diversos agentes, formais e informais, contribuindo decisivamente para a constituição dos sujeitos e das coletividades. É por meio dela que se moldam identidades, transmitem-se valores e se constroem as relações sociais.

A educação existe na vida dos diversos grupos sociais, ela ajuda na criação, na formação dos diversos tipos de povos e suas diversas culturas. A educação forma o homem social e determina suas relações consigo e com a sociedade ao seu redor. Ela participa ativamente do processo de produção de crenças, ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedade.

Paulo Freire (1980) caracteriza, muito bem, o trabalho de formar a consciência participativa do homem, ele vem nos falar da Educação de Adultos, onde construiu seu pensamento sobre a questão da educação, porque sua prática estava voltada para o trabalho com adultos mais pobres de Recife e o analfabetismo não poderia ser ignorado por ele. Ele acreditava que o conhecimento adulto não deveria limitar-se ao conhecimento de sua própria realidade, muito pelo contrário o povo deveria ter o direito de conhecer aquilo que ainda não sabe.

O ser humano, dotado de uma inteligência pessoal que se desenvolve historicamente, necessita que essa capacidade seja estimulada para que possa agir e transformar o mundo. A educação assume, assim, um papel crucial ao levar o homem a refletir, constantemente, sobre sua ação transformadora no mundo. Contudo, quando focamos na educação de indivíduos de 15 anos ou mais, deparamo-nos com desafios específicos.

A condição de analfabetismo, ou mesmo de letramento rudimentar, representa um obstáculo significativo à plena integração social. As sociedades urbanas ou desenvolvidas exigem a leitura e a escrita como forma básica de integração ao meio.

Sem esses instrumentos o indivíduo estará impossibilitado de novas adaptações. A ausência dessas ferramentas básicas pode levar à exclusão, como adverte Paul Osterrieth: “é difícil de imaginar, no mundo de hoje, um indivíduo ignorante, analfabeto, incapaz de participar da vida do grupo. Não seria precisamente um adulto” (Osterrieth, 1967, p. 109).

As necessidades básicas, como saúde, segurança, educação sanitária, cultivo da terra, locomoção e outras dependem constantemente de utilização de livros, avisos, anúncios, recomendações, bulas e sem os conhecimentos adequados não haveria possibilidade de decifrar essas mensagens, o que restringe o campo de decisões e a apresentação de melhores soluções.

Da mesma forma que o indivíduo não poderia ser beneficiado com os recursos advindos da leitura e escrita, no sentido de obter um maior conhecimento e compreensão do mundo que o cerca. A alfabetização surge, por, como possibilidade de desenvolvimento individual, no sentido de eliminar a marginalização, pois marginal seria aquele que não tem condições de se integrar no seu meio.

É fundamental, porém, entender a completa noção de analfabetismo. Como destaca Pierre Furter:

O conceito de analfabetismo ganha maior amplitude na medida em que examinamos os diferentes níveis de saber:

1. Os pré-analfabetos: sociedades tribais que ignoram a escrita.
2. Os analfabetos propriamente ditos: sem nenhum conhecimento, mesmo que rudimentar da escrita.
3. Os semianalfabetos: que tem conhecimento parcial, descontínuo e unilateral mesmo que rudimentar.
4. Analfabetos funcionais: que tem um conhecimento suficiente para a situação na qual eles vivem atualmente, mas insuficiente para uma eventual adaptação a uma nova situação.
5. Os letrados: que dominam ambas as formas da comunicação: escrita e leitura. (Furter, 1966, pg. 75)

Essa classificação evidencia que a questão vai além de saber ou não assinar o nome, abrangendo a capacidade de utilizar a leitura e a escrita de forma funcional e crítica nas diversas situações da vida. Portanto, o desafio da alfabetização de adultos insere-se nesse contexto mais amplo da educação como direito e como necessidade para o desenvolvimento humano e social.

Não só a simples alfabetização, mas a educação no seu formato mais abrangente representa um canal para o desenvolvimento social. A alfabetização não significa apenas dominar uma técnica, mas abrir portas para uma maior compreensão do mundo, para o exercício da cidadania e para a participação ativa na sociedade.

A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE COMO FUNDAMENTO

No campo da educação de jovens e adultos, e particularmente na alfabetização, a obra de Paulo Freire representa um marco, oferecendo um contraponto crítico às abordagens meramente técnicas. Sua contribuição não se limitou a um método, mas inaugurou uma nova perspectiva sobre o ato de educar adultos.

Paulo Freire, com suas proposições filosóficas e metodológicas inovadoras, e extremamente avançadas para o momento histórico vivido pelo país, inaugurou uma nova postura frente a problemática do adulto analfabeto, garantindo-lhe um tratamento condigno e uma motivação valiosa à aprendizagem efetiva, consciente e participativa.

A base de sua proposta reside na compreensão da educação como um ato dialógico e profundamente conectado à realidade do educando. Esta nova forma para analisar a educação de adultos fora planejada tendo em vista o analfabeto em sua comunidade de origem, em seu mundo histórico, partindo principalmente de suas necessidades, interesses, angústias e aspirações.

Paulo Freire pensava a educação dentro de alguns aspectos, a fim de tornar o processo de educação mais participativo e dentro da realidade do adulto. O método Paulo Freire (1980, 1987) é composto por três etapas:

a) Atividades de “preparação” do método:

1. Localização e recrutamento de adultos analfabetos, na região na qual o trabalho seria realizado.
2. Levantamento deste universo vocabular do analfabeto.
3. Organização deste universo vocabular, bem como a conscientização frente aos problemas locais.
4. Seleção das “palavras geradoras” para o processo de alfabetização, a fim de buscar vocabulários do público local.

b) Princípios básicos

1. Valorização do indivíduo, do meio físico e cultural.
2. Conscientização do mundo atual.
3. Participação total do indivíduo, apresentando soluções e influenciando decisões.
4. Estimulação para a integração em grupos.
5. Prática da liberdade, com exame crítico das expressões sociais, culturais, políticas e econômicas

c) Adulto como aluno

1. Nova estrutura da sala de aula.
2. Professor - coordenador de debates.
3. Auto expositiva - aula com diálogo

d) Aula (Atividade de transformação)

1. Participação (transformação do meio)
2. Libertação (sujeito atuante, livre= responsável)

Essa abordagem se opõe frontalmente ao que Freire (1987) denominou “educação bancária”, na qual o conhecimento é depositado pelo educador no educando passivo. Em contraste, a pedagogia freireana é essencialmente colaborativa e horizontal, partindo do princípio que *“ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário - um ato de amor -, não pode ser imposta* (Brandão, 1991, p. 21 e 22). Freire aprofundou:

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão... Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (...). Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem." (Freire, 1987, p.52).

Embora reconheça as diferenças existentes entre educador e educando, Freire (1980, p. 20-21) defende um esforço constante para transformar essa relação, buscando a igualdade no diálogo e na construção conjunta do saber. Defende a aprendizagem como prazer e desejo por parte do aluno. Não concorda com uma aprendizagem pelo exercício motor, onde se castra a criatividade do aluno. Ele acredita que a memória não é um depósito de informações, mas que toda aprendizagem passa pela história pessoal de cada aluno.

E, além de tudo o que se já foi dito, as suas concepções ensinam que o objetivo último dessa prática pedagógica não é a adaptação, mas a transformação. O processo ensino-aprendizagem deve partir do objetivo de tornar o alfabetizando sujeito capaz de intervir na sociedade para transformá-la. Por isso, é necessário fomentar no educando a capacidade de analisar criticamente sua realidade, identificar suas contradições e agir sobre ela.

É importante ressaltar que Paulo Freire não é inventor de um método de alfabetização, até mesmo porque sua postura inovadora é difícil imaginá-lo como um metodólogo. Sua contribuição é filosófica e pedagógica e este não nos dá uma receita para a alfabetização porque esta é um ato de conhecimento e métodos não criam conhecimentos, segundo ele. A pedagogia freireana oferece, acima de tudo, um conjunto de princípios éticos e epistemológicos para uma educação verdadeiramente humanizadora e libertadora, que instrumentaliza o adulto não apenas com a palavra escrita, mas com as ferramentas para compreender e transformar seu mundo.

ALFABETIZAÇÃO, TRABALHO E A BUSCA POR QUALIDADE DE VIDA

A relação entre educação e trabalho é um eixo fundamental na análise da condição adulta na sociedade contemporânea. O trabalho, muitas vezes, ocupa uma posição central, demandando uma parcela significativa do tempo e energia dos indivíduos. Em muitos contextos, especialmente nos setores produtivos, observa-se uma grande carga horária da vida do homem, que pode levar a um desequilíbrio onde a sobrevivência os levou a buscar o trabalho como aspecto prioritário de suas vidas, em detrimento de outras dimensões humanas essenciais como o lazer, a convivência familiar e a própria educação continuada.

Entretanto, percebe-se um movimento, ainda que incipiente em alguns setores, de crescente preocupação com o bem-estar dos trabalhadores. Atualmente as empresas, começam a pensar na qualidade de vida dos seus trabalhadores, visto que, através de pesquisas, instituições que dão ênfase a aspectos sociais, familiares de seus trabalhadores, recolhem resultados bem mais eficazes.

Nesse cenário, programas de valorização, incluindo a Educação de Adultos, surgem não apenas como responsabilidade social, mas como estratégias que reconhecem a ligação entre a vida do trabalhador e seu desempenho profissional. Os trabalhadores são, sem dúvida, os maiores beneficiados, pois todo processo de educação contribui na construção de sua cidadania enquanto sujeito participativo da sociedade, levando-o a sair de agente passivo para ativo. Contudo, os empregadores que promovem tais ações também se enriquecem pois, se tornam multiplicadores e promotores do conhecimento.

A promoção da educação no ambiente de trabalho, especialmente a alfabetização, impacta diretamente a motivação e o engajamento. Como salienta Berry (1997, p. 45), a chave para motivar as pessoas em novas estruturas organizacionais “*resume ao respeito pelo indivíduo*”. Trabalhadores sentem-se muito mais motivados trabalhando para organizações que reconhecem e cuidam das suas necessidades pessoais, que veem o empregado em seu todo, compreendendo-o como um ser complexo, dotado de emoções, relações e necessidades que extrapolam a função laboral.

Essa visão integral do ser humano no trabalho dialoga com a busca por uma maior qualidade de vida no trabalho. A qualidade de vida no trabalho produz um ambiente de trabalho mais humanizado. O trabalho é mais vantajoso quando promove melhor ajustamento entre os empregados, tarefas, tecnologia e meio ambiente. O enriquecimento do trabalho traz muitos benefícios. Seu resultado geral é um enriquecimento no desempenho de seu papel social, encorajando o crescimento e a auto-organização. O trabalho é feito de forma a encorajar e a favorecer a motivação intrínseca.

Partindo desta visão de qualidade de vida no trabalho vai-se aos poucos descobrindo como é importante analisar a pessoa trabalhadora como um ser total, o que ela leva para o trabalho, dentro da sua estrutura psíquica, mostrando através das suas ações, é o que ela é, enquanto sujeito total, sua família, seu relacionamento com filhos e cônjuge, sua história de vida, suas emoções, seus relacionamentos interpessoais. Esses são aspectos, que o caracterizam como sujeito.

Nesse ponto, o pensamento de Paulo Freire (1980) sobre a formação da consciência participativa do homem na Educação de Adultos ganha especial relevância. Embora sua prática inicial estivesse voltada para contextos de maior vulnerabilidade social, sua filosofia ressoa na compreensão do trabalhador como sujeito. Freire acreditava que o conhecimento adulto não deveria limitar-se ao conhecimento de sua própria realidade, muito pelo contrário o povo deveria ter o direito de conhecer aquilo que ainda não sabe.

Assim, a alfabetização e a educação no contexto do trabalho, sob uma ótica freireana, não visam apenas adequar o trabalhador a uma função, mas emponderá-lo com conhecimento e capacidade crítica, contribuindo para sua formação integral e, consequentemente, para uma vivência mais digna e significativa tanto dentro quanto fora do ambiente laboral.

DA CONSCIÊNCIA INGÊNUA À CONSCIÊNCIA CRÍTICA: ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA

A educação de adultos, particularmente quando orientada por uma filosofia libertadora, transcende a mera instrução e se entrelaça com a formação de um compromisso social ativo. Esse engajamento, contudo, não emerge espontaneamente; ele pressupõe uma capacidade fundamental do ser humano: a de refletir sobre sua própria condição e sobre sua ação no mundo.

A primeira condição para que um ser possa assumir um ato de comprometimento está em ser capaz de agir e refletir. Sem essa possibilidade de reflexão, o indivíduo corre o risco de permanecer limitado pelas circunstâncias impostas, sem poder intervir significativamente na realidade. É nessa capacidade de provocar mudanças, em si e no mundo ao redor, que reside a essência da existência humana ativa.

A alienação ao conhecimento, geralmente produz uma postura de timidez, insegurança, medo de correr risco na aventura de criar. O homem alienado vê as coisas mais na superfície do que em seu interior. Paulo Freire (1981) acredita que fugir do compromisso com a sociedade é negar-se a si mesmo como negar o projeto nacional de transformação do homem.

Paulo Freire aprofunda essa ideia ao descrever o ser humano como fundamentalmente reflexivo e inacabado. Para ele:

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade. É um ser na busca constante de acrescentar mais a sua existência e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (Freire, 1981, p. 63).

Essa condição de incompletude impulsiona não apenas a busca pelo conhecimento, mas também um ímpeto criador inerente a todo ser humano. Quando o homem comprehende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e, com seu trabalho, pode criar um mundo próprio, que tenha as marcas do seu próprio eu. Uma educação autêntica, portanto, deve ser desinibidora e não restrita, dando oportunidade para que a capacidade criadora e reflexiva da pessoa floresça.

No entanto, a forma como essa reflexão se manifesta pode variar e, entender isso pode nos ajudar a entender mais sobre a educação no contexto do trabalhador. Freire (1987) identifica dois tipos predominantes de consciência que moldam nossa interação com o mundo: a ingênua e a crítica.

Consciência ingênua que é caracterizada pela ação de acreditar que a realidade é estática e não mutável, tem forte poder passional, pode se originar no fanatismo ou sectarismo. Ela é frágil na discussão de problemas. Parte do princípio do sabe-tudo. Por isso, subestima o homem simples. É impermeável à investigação. Suas explicações são mágicas. Apresenta conclusões apressadas e superficiais. Já a consciência crítica anseia pela análise de problemas, reconhece que a realidade é mutável. Procura verificar ou testar as descobertas. Admira o diálogo. Procura livrar-se dos preconceitos.

Estes dois tipos de consciência representam caminhos distintos que a educação pode fomentar, delineando o grande papel do educador, capaz de construir sujeitos participativos, atuantes na sociedade ou simplesmente ouvintes passivos de conceitos sem significado de vida.

O mundo é marcado por valores, ideias, linguagens, sinais, símbolos. Existe o mundo do saber o mundo da ciência, da religião, das artes, das relações de produção, da tecnologia. Todo este mundo histórico-cultural é produto da práxis humana, mas pode o condicionará dentro da sua própria criação.

É precisamente neste ponto que a alfabetização, sob a ótica freireana, revela seu potencial transformador mais profundo. Ao propor uma alfabetização que parte da realidade vivida e utiliza o diálogo e a problematização, ela se torna uma ferramenta poderosa para superar a consciência ingênua. Aprender a ler e escrever, nesse contexto, significa decodificar não apenas a palavra, mas o próprio mundo, desenvolvendo a importância de desenvolver no homem a consciência crítica que o tome capaz de fazer uma análise dialética de sua realidade. A alfabetização, assim, instrumentaliza o indivíduo para questionar, analisar e compreender as estruturas sociais, culturais e políticas que o cercam, indo além das aparências e das explicações simplistas ou mágicas.

Essa transição para uma consciência crítica é indissociável do exercício pleno da cidadania. O sujeito que desenvolve essa capacidade deixa de ser um mero espectador dos acontecimentos para se tornar um agente ativo, capaz de exigir participação e decidir. Ele comprehende seus direitos e deveres de forma mais profunda, podendo intervir nos espaços sociais e políticos com maior autonomia e discernimento. Em contextos de mudança social, como a transição de uma sociedade fechada, para uma sociedade aberta, essa educação crítica torna-se ainda mais vital.

Portanto, a finalidade última da educação de adultos, especialmente da alfabetização na perspectiva aqui discutida, é promover a emancipação. Trata-se de uma educação que visa ajudar o homem brasileiro a imergir no criticamente no seu processo histórico. Educação que desenvolve o poder da tomada de consciência. Ao fomentar a passagem

da consciência ingênua para a crítica, a alfabetização torna-se um pilar fundamental na construção de sujeitos mais livres, conscientes e capazes de transformar a si mesmos e à sociedade. Nas palavras de Freire, “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatisados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer as dimensões teóricas que envolvem a alfabetização de jovens e adultos, torna-se evidente que seu significado transcende a aquisição de uma habilidade instrumental. A análise aqui empreendida, fundamentada especialmente na pedagogia libertadora de Paulo Freire, revela a alfabetização como um ato intrinsecamente político e profundamente humanizador, uma autêntica *práxis transformadora*.

Verificou-se que a educação, em sua concepção mais ampla, permeia toda a existência humana, mas é na abordagem freireana que a alfabetização de adultos encontra seu potencial mais radical. Ao romper com modelos “bancários” e propor um caminho baseado no diálogo, na problematização da realidade concreta do educando e na “leitura do mundo”, Freire oferece as bases para um processo que visa não a adaptação, mas a libertação. A passagem de uma consciência ingênua, presa a explicações mágicas e à aceitação passiva da realidade, para uma consciência crítica, capaz de analisar, questionar e intervir, é o cerne dessa proposta educativa.

A interconexão entre essa educação emancipatória, o mundo do trabalho e a qualidade de vida também se mostrou fundamental. A alfabetização crítica permite ao trabalhador não apenas decifrar códigos necessários à sua função, mas também compreender seu papel social, refletir sobre suas condições de trabalho e buscar uma inserção mais digna e significativa. Ao reconhecer o trabalhador como um sujeito integral, dotado de história, emoções e relações, a educação no ambiente laboral pode se tornar um fator de motivação genuína e de construção de ambientes mais humanizados.

Ademais, ficou claro que a alfabetização é condição *sine qua non* para o exercício pleno da cidadania. Dominar a leitura e a escrita sob uma perspectiva crítica capacita o indivíduo a compreender seus direitos e deveres, a analisar discursos, a participar de debates e a tomar decisões informadas, tornando-se um agente ativo na construção da sociedade, e não mero espectador. É nesse sentido que a alfabetização se configura como ferramenta essencial para fortalecer a democracia e promover a justiça social.

Em suma, investir na alfabetização de jovens e adultos, pautada por princípios éticos e pedagógicos que visem à autonomia e à consciência crítica, é apostar no potencial transformador do ser humano. Trata-se de fomentar a capacidade de ação-reflexão-ação – a *práxis* – que permite aos indivíduos não apenas compreender o mundo, mas também atuar sobre ele para torná-lo mais justo, solidário e verdadeiramente humano. A educação de adultos, assim concebida, reafirma-se como um caminho indispensável para a dignificação da vida e a construção de um futuro mais promissor.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17^a edição, 1991.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução Moacir Godotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTER, Pierre. **Sugestão para um estudo do analfabetismo no Brasil**. Pesquisa e planejamento. São Paulo, 1966.

OSTERRIETH, Paul. **Fazer adultos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

PHILIP, Berry. **Motivação e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1997.